

# A Escrita de si e o Processo de Constituição Docente

Fernanda Cátia Bozelli

Como citar: BOZELLI, Fernanda Cátia. A Escrita de si e o Processo de Constituição Docente. *In*: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima *et al.* **PIBID/UNESP Forma(A)ção de professores: percursos e práticas pedagógicas em Ciências Exatas e da Natureza.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018. p. 123-138. DOI: <https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7983-962-7.p123-138>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# A ESCRITA DE SI E O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DOCENTE

*Fernanda Cátia Bozelli*

## **INTRODUÇÃO**

Por que devemos narrar as experiências vivenciadas? O que elas proporcionam? Segundo Delory-Momberger (2008, p. 36) “quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos”. Pesquisadores, tanto no cenário nacional (SOUZA, 2006; NACARATO, 2008) quanto no internacional (CONNELLY; CLANDININ, 1995; LARROSA, 1996) têm se apropriado das narrativas para compreender o campo da formação docente e da docência. Marquesin e Nacarato (2011, p. 55), como formadoras, têm constatado que, “cada vez mais, as narrativas têm se tornado ferramentas centrais aos processos de formação”. Larrosa (1996) destaca o fato de que quando contamos, narramos nossas histórias e experiências para outras pessoas, seja sob a forma escrita ou oral, estas deixam de ser somente nossas e passam a ser, a fazer parte da vida de outras pessoas. Assim, o que era nosso passa a se misturar no tempo e no espaço com o dos outros.

<https://doi.org/10.36311/2018.978-85-7983-962-7.p123-138>

O aspecto principal da abordagem sociocultural através da narrativa está na compreensão de que se está vivendo em um contínuo contexto experiencial, social e cultural, ao mesmo tempo em que contamos nossas histórias, refletimos sobre nossas vivências, explicitando a todos nossos pensamentos, através de nossas vozes (BOLZAN, 2002, p. 75).

Para Galvão (2005), no processo da narrativa podem-se identificar pelo menos cinco níveis de representação da experiência vivida: “[...] dar sentido, contar, transcrever, analisar e ler. E poder-se-ia, ainda, acrescentar interpretar, uma vez que quem lê, necessariamente dá um novo sentido ao texto, de acordo com suas vivências e referências” (p. 332).

É nesse sentido que o presente trabalho se justifica ao trazer para análise e discussão narrativas de futuros professores de Física com relação às experiências vivenciadas por meio da participação dos mesmos no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). As experiências aqui narradas são referentes ao contato com os professores da escola parceira; as primeiras impressões; o acompanhamento das aulas de Física do professor de Física da escola; contribuições do projeto para a formação docente e dificuldades experienciadas. Ainda, é de nosso interesse também, investigar o potencial das narrativas como instrumento que permite reflexão sobre a experiência docente quanto às expectativas, sentimentos e posicionamentos de futuros professores frente à realidade escolar, possibilitando, assim, compreender um pouco mais sobre o processo de ser e fazer-se professor.

## **NARRATIVA COMO ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS AS EXPERIÊNCIAS**

As narrativas podem ser utilizadas com diversas vertentes, dependendo do que se busca analisar ou conhecer. Carter (1993) apresenta duas perspectivas sobre as narrativas. A primeira seria o uso da narrativa como possibilidade para refletir, relatar e representar a experiência, produzindo sentido ao que somos, fazemos, pensamos, sentimos e dizemos. A segunda seria o uso da narrativa como modo de estudar/investigar a experiência. Seria um modo especial de interpretar e compreender a experiência humana, levando em consideração a perspectiva e interpretação de seus participantes. Neste trabalho a narrativa é utilizada na primeira perspectiva, cujo

interesse é o de que os bolsistas PIBID possam refletir, relatar, produzir sentido sobre suas experiências. Entendemos por experiência o que Larrosa (1996) aponta como: a experiência é aquilo que nos passa. “Não o que passa (o que podemos conhecer), senão o que nos passa (como algo a que devemos atribuir um sentido em relação a nós mesmos)”. A experiência vai constituindo um corpo de conhecimentos que conduz o sujeito a encontrar conexões com “[...] o futuro que está aberto e o passado que está vigente” (p. 137). Dessa forma, como a experiência do PIBID nas diversas situações no contexto escolar pode auxiliar o bolsista, futuro professor, em relação à atuação docente?

Segundo Clandinin (1993), o professor, ao narrar suas experiências aos outros, ou até mesmo no ato de escrever as narrativas; ensina e aprende. Aprende, porque, ao narrar, organiza suas ideias, sistematiza suas experiências, atribui sentido às mesmas, portanto, traz novos aprendizados para si. Ensina, porque o outro, diante das narrativas e dos saberes de experiências do colega, pode significar e ressignificar seus próprios saberes e experiências. Ainda,

quando nós ouvimos as histórias dos outros e contamos a nossa própria, nós aprendemos a dar sentido às nossas práticas pedagógicas como expressões do nosso conhecimento prático pessoal, que é o conhecimento experiencial que estava incorporado em nós como pessoas e foi representado em nossas práticas pedagógicas e em nossas vidas. (CLANDININ, 1993, p. 1).

De acordo com Nacarato (2008, p. 145 apud Marquesin; Nacarato, 2011, p. 56), a produção de narrativas escritas é uma possibilidade de constituição de saberes e de saberes da sua prática docente. Nesse sentido, “a narrativa constitui-se numa forma de validação desses saberes, pois passam a ser (com)partilhados, refletidos, rejeitados, apropriados pelos pares. Narrar pressupõe, assim, o outro. O outro leitor; o outro ouvinte. O outro cujas vozes constituem a minha voz”. O professor, ao se expressar por meio da narrativa, seleciona palavras para a sua composição que podem revelar seus saberes, suas reflexões, sua (in)compreensão sobre o processo de ensino e a aprendizagem de seus alunos. Ao mesmo tempo, também possibilita o questionamento sobre os saberes de si; os quais podem lhe permitir um debruçar-se sobre sua história, sua trajetória docente.

## **METODOLOGIA DE CONSTITUIÇÃO DOS DADOS**

A pesquisa, de abordagem qualitativa, focalizou o processo experiencial de futuros professores de Física, de um curso de Licenciatura em Física, de uma Universidade Pública Estadual, ao participarem do PIBID em uma escola pública da rede estadual de São Paulo. O projeto de Iniciação à docência faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), como ação conjunta do Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Superior (SESU), da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Esse programa visa a união entre as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação e as Universidades Públicas, em busca de melhoria do ensino das escolas de ensino básico, públicas. Um dos objetivos do Programa é a valorização da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura de instituições públicas de educação superior. Por meio da introdução dos futuros professores no cotidiano escolar se dá a busca da integração entre ensino superior e ensino básico, tornando assim as escolas e os professores da Educação Básica co-formadores na formação dos futuros professores.

A participação dos futuros professores, bolsistas, nesse projeto de Iniciação à Docência, ocorreu em diferentes ações: apresentação do projeto aos professores da escola, bem como a coordenação durante espaço conhecido como ATPC (Aula Trabalho Pedagógico Coletivo); acompanhamento em sala de aula de professores de Física; reuniões de planejamento; reuniões de pais; oficinas de estudos sobre o ENEM; construção de materiais experimentais para feiras de Ciências; análise do currículo do estado de São Paulo em termos de metodologias propostas, entre outros. Especificamente, o acompanhamento dos professores de Física pelos bolsistas foi organizado da seguinte forma: os futuros professores foram organizados de forma a cada um acompanhar em média duas turmas de alunos em que o professor supervisor era o docente responsável. Foram, ao todo, quatro meses de acompanhamento das aulas de Física. Essa distribuição/organização ocorreu durante os três dias de planejamento da escola no início do ano letivo junto com a comunidade escolar (gestores, funcionários e docentes), os quais elegeram essa como uma ação importante do projeto na escola. Desse modo, o grupo (futuros professores e professores) tinha uma meta,

uma intencionalidade: de forma conjunta/compartilhada possibilitar a aprendizagem dos conteúdos de Física pelos alunos do primeiro ano, bem como sanar prováveis dificuldades dos mesmos com relação às defasagens do Ensino Fundamental. Assim, nada mais significativo do que registrar as ações, os sentimentos, as experiências possibilitadas por esse cenário. Esse registro consistiu em narrativas produzidas pelos futuros professores.

Para Clandinin e Connelly (2000), a narrativa é a melhor maneira de estudar e compreender a experiência.

[...] o pensamento narrativo é a forma-chave da experiência e uma maneira-chave de escrever e pensar sobre a mesma. De fato, o pensamento narrativo é parte do fenômeno da narrativa. Pode ser dito que o método narrativo é uma parte ou aspecto do fenômeno narrativo. (CLANDININ; CONNELLY, 2000, p. 18).

Sabemos que, não faz parte do cotidiano de trabalho da maioria das pessoas, registrar, sistematizar e refletir sobre suas experiências, muito menos dos professores. Contudo, como ressalta Soligo e Prado (2005, p. 35) “a escrita é uma arma poderosa, senão por outra razão, porque seu destino é a leitura”. Dessa forma, a escrita documenta; comunica; organiza; eterniza; faz pensar a nós mesmos e aos leitores. Mas esse ato não é considerado um ato fácil. Esse foi um dos nossos maiores desafios no decorrer do projeto, fazer com que os alunos compreendessem o processo de escrita de suas experiências. Contudo, por uma questão de espaço serão aqui consideradas somente as narrativas referentes ao contato com a escola por meio da apresentação do projeto; acompanhamento das aulas de Física junto ao professor e expectativas e dificuldades relacionadas a essas experiências.

## **NARRATIVAS DE SI E PARA SI**

As narrativas dos futuros professores do curso de Licenciatura em Física evidenciam uma experiência formativa muito rica e ao mesmo tempo reflexiva sobre o campo profissional de atuação docente. A escrita possibilitou um processo de ressignificação e reinterpretação sobre a escola, sobre a identidade docente, colocando em evidência emoções e razões, as quais antes talvez não fossem perceptíveis. Um exemplo dessa experiência

pode ser verificado no trecho a seguir em que um dos futuros professores chamou de “Transformação da visão sobre a escola”.

*Como aluno de uma escola pública do Ensino Médio tinha a visão de que os problemas da escola eram causados pelos constantes atritos entre governo e escola, e como reflexo tínhamos em sala de aula professores mal qualificados e desmotivados. Quanto à direção escolar, desconhecia qual era exatamente sua função dentro da escola, pois não presenciava sua atuação. Sob a influência do projeto PIBID tive a oportunidade de entrar na escola e conhecer a real função de cada segmento da escola, tendo contato com professores e diretores, além dos alunos. Essa proximidade com a instituição escolar e amadurecimento proporcionado pelo projeto e pela graduação em licenciatura proporcionaram uma nova perspectiva sobre os problemas escolares.*

A seguir serão apresentadas as narrativas autobiográficas redigidas após o primeiro contato dos seis futuros professores com a escola parceira do projeto durante a reunião de Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo:

*Quando me apresentei, disse que admiro a carreira da docência e desejo muito poder exercer a profissão, ao terminar minha apresentação por alguns instantes pensei ter dito algo errado, pois alguns professores riram assim que terminei minha fala, e até brincaram dizendo que eu falo isso tão convictamente, pois ainda sou jovem e há muito para se passar. Estou certa de que essas risadas não foram por maldade ou algo semelhante, mas sim um reflexo do que eles sentem e vivem nessa profissão, que há tanto tempo está desgastada com o desinteresse do Governo e também por parte de alguns em meio à sociedade, e hoje, infelizmente, muitos deles se encontram desmotivados com a profissão. Apesar desse fato, me senti muito bem acolhida pela escola e por todos os funcionários, assim como sei que o Projeto PIBID também foi bem aceito por todos.*

*[...] a primeira impressão foi de apoio dos professores de todas as disciplinas, porém na prática percebemos que houve um apoio mínimo, muitas vezes forçado. Os professores não se mostravam a vontade com nossa presença. Os funcionários da escola foram os que mais apoiaram o desenvolvimento do projeto.*

*Neste primeiro momento, mesmo havendo estudado nesta unidade escolar e conhecendo vários dos professores que ali estavam, percebi de acordo com seus movimentos corporais e até mesmo no olhar, uma resistência por parte de alguns deles para aceitarem nossa ajuda e entrada na escola.*

O sentimento descrito pelos futuros professores sobre essa primeira experiência no espaço escolar é de desconforto, como se estivessem em um espaço que não os pertencesse; de indiferença e de desânimo. Logo ali, um espaço que deveria ter sido motivador e convidativo, pois era o espaço que futuramente muitos deles gostariam de estar presentes e poder fazer parte, como fica evidente na primeira narrativa. Podemos pensar, dessa forma, sobre a participação da escola na co-formação dos nossos futuros professores. Professores estes que “ainda” querem estar na sala de aula, na escola, mas parece que esta não os quer lá.

## **ACOMPANHAMENTO DAS AULAS DE FÍSICA JUNTO AOS PROFESSORES**

Na narrativa seguinte, um dos futuros professores expressa sentimento de descontentamento com a situação de sala de aula vivenciada, como se este não pertencesse àquele espaço, pois não auxiliava os alunos durante a aula, por descompromisso deles, ou por conta da não legitimação por parte do professor da sua presença na sala como igual. Ao mesmo tempo, valoriza o fato do professor utilizar estratégias metodológicas, como as analogias, que despertam a atenção dos alunos. Esse fato é importante porque permite que a escola seja, também, um espaço formativo para o futuro professor. As posturas do professor diante de comportamentos dos alunos desperta a atenção do futuro professor, o qual reflete sobre sua própria postura diante de situações como esta.

*[...] Continuo não me sentindo a vontade com essa turma, os alunos não parecem estar realmente interessados na minha ajuda, e a professora aparenta não estar à vontade com a minha presença. Depois da chamada e de chamar a atenção dos alunos várias vezes, a professora começa com a explicação do conteúdo, ela tenta usar de diversos artifícios para chamar a atenção dos alunos, até que finalmente ela consegue a atenção deles utilizando analogias. Usando o nome dos próprios alunos, ela ia montando cenários hipotéticos, e dessa forma os alunos iam participando e tentando descobrir o que aconteceria em cada caso contado pela professora. Como a matéria se tratava das Leis de Newton existem diversas de analogias possíveis para exemplificar cada lei, e a professora as utilizou muito bem. Entretanto ao passar a curiosidade inicial sobre o que aconteceria a cada caso, os alunos começaram a se dispersar facilmente. A aluna que entra e sai seguidas vezes da sala, ultrapassou todos os limites a meu ver, ela entrou na sala e interrompeu a explicação da professora para fazer uma pergunta totalmente*

*sem nexos e fora de momento, a professora respondeu e ela simplesmente virou as costas e saiu novamente da sala, momentos depois ela entrou na sala correndo e sentou em uma carteira escondida, a inspetora perguntou onde estava a aluna e a professora olhando pra aluna afirmou não saber onde ela estava. Não entendi qual foi o intuito da professora de acobertar a aluna, já que ela nunca está presente na aula, e sempre que entra na sala é para atrapalhar o andamento da aula. Após alguns minutos a aluna saiu novamente da sala e a professora continuava normalmente a sua aula.*

Em mais uma narrativa, a do Futuro professor 3, fica claro o fato dos futuros professores não se sentirem a vontade na escola e em contato com outros professores. Enquanto futuros professores, não se sentem reconhecidos como semelhantes pelos demais. É como se eles não pertencessem agora, em formação, e nem futuramente, depois de formados, a esse espaço, uma vez que outro docente não o legitima enquanto profissional nesse campo.

*Conversei rapidamente com a professora, e expliquei que eu fazia parte do projeto PIBID e que iria acompanhar a turma do xxx até o final do ano, que eu estaria ali para auxiliá-los. Após a minha explicação, a professora me avisou que na aula de hoje os alunos fariam um trabalho para nota e que a próxima aula seria prova que se eu quisesse não era necessário permanecer na sala de aula, pois não poderia ajudar os alunos. Decidi ficar na aula para observar, mas me senti mal, a professora não me apresentou para os alunos, estava me sentindo como se não fosse bem vindo à aula dela.*

O primeiro contato com uma turma de alunos e a expectativa sobre como estes se comportariam diante da presença de outro professor, foi um dos sentimentos externalizados pelo futuro professor 1, na narrativa seguinte. A aceitação ou não dos alunos é algo que o incomoda, além do fato de ter que demonstrar domínio sobre o conteúdo. Essa situação foi significativa para o futuro professor, pois ao narrar, ele se lembra de quando era aluno e suas dificuldades. Esse fato é destacado por Freitas e Galvão (2007): “ao narrarmos episódios com significado, os analisaremos de uma forma contextualizada, tentando que essa análise ponha em evidência emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes, dos quais antes não nos tínhamos apercebido” (p. 219).

*Hoje foi o primeiro dia que acompanhei as turmas, estava um pouco ansioso para saber como a turma se comportaria com a presença de outra pessoa para auxiliá-los. No início fiquei meio receoso de ensiná-los errado, que falasse algo errado, mas tal receio rapidamente passou ao observar que os exercícios eram extremamente fáceis, eram resolvidos sempre utilizando a mesma equação. Fiquei um pouco assustado ao perceber que alguns alunos tinham dificuldades com a equação da velocidade média, tentei lembrar sem sucesso, se quando eu aprendi essa equação na escola senti tantas dificuldades. Mas me lembro que nunca tive professor de Física, que tudo era me ensinado mecanicamente, no meu conceito, Física era só matemática, não havia nenhuma parte qualitativa apenas o quantitativo.*

*Chegando à Escola Estadual xxxxxxxx fui abordado pela inspetora, desesperada a procura de um substituto para a aula da turma do xx, detalhe, esta é a turma da professora xxx, a turma a qual eu iria assistir à aula. Um professor que estava junto com ela falou espontaneamente: Bom ele “que sou eu” dá aula. Algum problema pra você? Fiquei tão surpreso que não consegui falar nada, como fiquei em silêncio, ele assimilou o meu silêncio com um sim. As aulas da professora eram com as turmas do primeiro, segundo e terceiro. Eu não sabia nem por onde começar. Estava totalmente perdido, mas não podia demonstrar para eles que eu estava com medo e perdido, porque se demonstrasse então teria motivos para estar com medo e realmente estaria perdido.*

O futuro professor 3 mostra-se incomodado ao narrar uma situação de sala de aula em que todas as condições eram favoráveis ao aprendizado do conteúdo de Física pelos alunos, professor motivado, boas explicações, uso de recursos didáticos, como analogias. Contudo, isso tudo não era suficiente para despertar o interesse dos alunos. Busca explicações possíveis para a situação experienciada em fatores externos à escola.

*A aula está ótima para mim, que estava assistindo, um exemplo de aula, com explicações claras e analogias muito bem colocadas, porém, apenas dois ou três alunos estavam realmente prestando atenção na explicação. Não consigo entender o que realmente ocorre com essa sala, posso afirmar que a culpa não é da professora, pois essa aula dela estava ótima, qualquer aluno interessado gostaria de assistir a uma aula igual a que ela deu, acredito que a falta de interesse dos alunos deve ter algum motivo exterior à escola ou a sala de aula. Ao final da aula me despedi da professora e fui embora com a sensação de que dos males da escola pública, o professor é o menor deles.*

Fatores externos ao trabalho do professor em sala de aula e também do âmbito escolar têm chamado a atenção dos futuros professores, como o caso do futuro professor 5. Isso chama a atenção para a reflexão de como a escola tem lidado com essa situação diante dessa realidade que se apresenta, e que foge ao escopo do trabalho professor. Sentimentos de insegurança e incapacidade atormentam os futuros professores a escolherem o campo da escola, como campo profissional. Situações como essa permitem que os futuros professores produzam sentidos sobre a atuação docente, assim como destaca Clandinin (1993), ao ressaltar que ao narrar, a pessoa organiza suas ideias, sistematiza suas experiências, produz sentido a elas e, portanto, novos aprendizados para si.

*Estou me sentindo completamente perdida, pois as meninas da sala estão conversando ao meu lado sobre amigas que estão grávidas para continuar com os namorados, que outra amiga fez um aborto e outra que apanhou do namorado e precisaram chamar a polícia. Penso como seria se eu fosse professora desta turma, e não consigo me ver desenvolvendo alguma atividade significativa com eles.*

*Notei que o que foi discutido no planejamento, com relação ao uso de dispositivos eletrônicos e o uso de uniforme escolar não está sendo cumprido. E não era algo escondido, pois pude ver no mínimo quatro alunos com fone de ouvido, cantando e com o celular em cima da mesa e uma aluna sem o uniforme escolar. Ou seja, as normas não estão sendo cumpridas e é de se pensar, o planejamento nesta escola é apenas um momento para cumprir regras, carga horária, uma imposição do sistema ou está sendo mal organizado, porque o que é discutido neste horário não é cobrado/cumprido no dia a dia.*

Com base nas narrativas de aula descritas e das demais aulas observadas pudemos verificar que houve uma mudança de postura e compreensão do que esse espaço representa, conforme ressalta um dos futuros professores:

*Ao chegar à escola me deparei com uma realidade onde os professores envolvidos no projeto buscavam lecionar sua aula da melhor forma possível, para isso eles utilizavam diversas metodologias a fim de cativar o aluno, para que eles participassem da aula e das atividades propostas pelo professor.*

Essa vivência na escola também permitiu verificar as diferentes metodologias utilizadas pelos professores no dia a dia da sala de aula, tornando essa experiência ainda mais significativa para eles.

*Foi muito interessante essa aula, os alunos realmente estavam interessados em resolver os exercícios, são aulas assim que me estimulam a seguir essa carreira, os alunos se esforçando para entender o conteúdo, sem brincadeiras desnecessárias, se concentrando apenas no aprendizado. Acredito que essa tenha sido a primeira que vez que presenciei algo desse tipo uma sala inteira com comprometimento com aprendizado, fiquei muito feliz em constatar que é possível, mesmo que em situações raras, uma sala inteira focada exclusivamente no ensino.*

As narrativas nos trazem as diferentes experiências sentidas pelos futuros professores com relação ao acompanhamento dos professores em sala de aula, mas ao mesmo tempo semelhantes, o que é bem verdade, se considerarmos o que nos diz Lopes e Lima (2009, p. 2) ao afirmarem “que a história de um não se confunde com a história do outro, mas apresenta situações similares e congruentes, bem como situações paradoxais, às vezes tão necessárias à construção de novas situações-realidade”.

## **NARRATIVAS COM RELAÇÃO ÀS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO**

Para um dos futuros professores, a participação do projeto tem por objetivo “despertar o professor que existe dentro de cada universitário”. Ainda, segundo seu relato:

*O PIBID ‘Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência’ proporciona o encontro mais cedo entre o universitário e a escola, de forma que esses encontros têm o intuito de despertar o professor que habita em cada universitário. O universitário começa a olhar a escola com outros olhos, agora como professor mesmo que ainda não leciona. Seu papel está em observar e registrar as aulas, além das atividades desenvolvidas dentro da escola, atividades que são desenvolvidas em prol dos alunos.*

*Trabalhar junto com o PIBID é uma experiência muito gratificante, nesse semestre que passamos juntos percebo um grande crescimento no meu “eu” a cada atividade realizada se ganha experiência, a responsabilidade depositada em cima de cada integrante o faz crescer e amadurecer. Trabalhar junto com os professores nos faz sentir que estamos cada vez mais próximos da nossa futura profissão, orientando-nos ao modelo de profissional que desejamos tornar.*

*Enfim, de um modo geral, o Projeto PIBID, tem de fato me auxiliado a ingressar na Carreira Docente, dando-me a oportunidade de conhecer o cotidiano de uma Escola, e a partir disto me incentivando a prosseguir na minha formação.*

*O grupo PIBID me deu algo que jamais conseguiria sozinho, algo que nem nos estágios conseguiria, o qual seria experiência, compromisso, dedicação, conhecimento da escola, convívio com os professores, funcionários e alunos.*

*A maior contribuição do projeto para a minha vida acadêmica foi o florescimento dos meus pensamentos como professor, pois no projeto pude conviver não só com o professor, mas com vários corpos docentes e funcionários da escola e com isso pude entender como uma escola realmente funciona com seus acertos e seus defeitos. Ao mesmo tempo, ao assistir as aulas do professor pude melhorar minha metodologia e ao passar do tempo e com a aquisição das reuniões, textos e artigos posso evolui-la cada vez mais para que no futuro possa ser um melhor professor para meus alunos.*

*Com o trabalho do projeto foi possível conhecer melhor as dificuldades da escola, ficou evidente para mim que a maioria dos problemas da escola está ligado diretamente as relações interpessoais dos funcionários e professores, que muitas vezes não se auxiliam e não visam o bem do aluno e sim seus próprios interesses. Dessa forma o projeto “abriu meus olhos” para a realidade da escola pública, que não era possível enxergar como aluno.*

*Esse período inicial do PIBID foi de muita valia, pois tivemos um olhar diferente da escola comparado com o olhar que tínhamos quando éramos alunos. Conhecer a realidade, as dificuldades, os anseios, tanto dos alunos, quanto dos professores e dos membros da direção, nos prepara e nos orienta para esse encontro que acontecerá mais formalmente ao ingressarmos em uma escola como professores.*

## **DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS PARTICIPANTES**

As dificuldades encontradas de acordo com as narrativas dos futuros professores estão relacionadas à participação do professor supervisor e da escola no desenvolvimento do projeto. Ou seja, o professor supervisor tem faltado com suas obrigações no projeto, não tem participado ativamente junto aos bolsistas, como, por exemplo, convidando-os a participar das atividades da escola, de seus planejamentos, motivando-os na profis-

são, pelo contrário, suas falas ficam muito restritas ao descontentamento, ao cansaço etc. A escola, por sua vez, nos atende e sempre se coloca à disposição para providenciar dados, documentos, espaços, equipamentos, contudo, na prática, não é o que acontece. Segue abaixo algumas falas do professor supervisor durante as reuniões:

*“Os professores de hoje não têm o hábito de estudar”.*

*“a pressão vem de todos os lados”.*

*“Se você pressiona todo mundo vem em cima de você”.*

*“ninguém presta atenção naquilo que você tá fazendo”*

*“você não tem o respaldo que a direção poderia te dar”*

*“Eu tenho 26 salas. Eu não aguento mais”.*

*“A supervisora aprovou quase 400 alunos que não têm condições”.*

*“O governo quer ir empurrando todo mundo”.*

Para os futuros professores, as dificuldades encontradas no decorrer da participação no projeto estavam relacionadas à parceria com a escola no sentido de colocar em prática suas ações, as quais previam desenvolvimento de atividades de Física no âmbito do laboratório didático de Física, laboratório de informática, biblioteca etc. Um sentimento de que eles estavam caminhando em direção e a escola em outra.

*A direção me pareceu algumas vezes omissa, pois foi solicitado diversas vezes que direcionassem para um local apropriado as caixas, os computadores e impressoras que estavam ocupando o laboratório de física tornando-o inativo. Após todo o semestre a única providência tomada pela direção foi de remanejar para outro local apenas as caixas, restando as impressoras e computadores no laboratório.*

*[...] Outra dificuldade foi o apoio de algumas partes do corpo [comunidade] escolar principalmente na atividade de levantamento dos livros didáticos em Física, muitas vezes tivemos que desmarcar compromissos para que pudéssemos terminar o levantamento no período estabelecido pela nossa orientadora.*

*A princípio a ideia era de utilizar esses computadores no próprio Laboratório de Física, auxiliando nas aulas. Porém, após um período de espera foi disponibilizado apenas um computador para este fim.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises das narrativas permitem evidenciar que a participação no projeto tem sido essencial para os futuros professores por despertar o interesse pela profissão docente; por proporcionar reflexão sobre a realidade educacional do país, dos professores, da escola. Também é possível evidenciar que a narração de uma determinada situação vivida pelo futuro professor permite que ele compreenda suas causas e consequências e crie novas estratégias num processo de observação, reflexão e formação. Nesse sentido, o texto de Fiorentini (2006, p. 29) representa bem o que quer se dizer aqui:

As narrativas representam um modo bastante fecundo e apropriado de os professores produzirem e comunicarem significados e saberes ligados à experiência. As narrativas fazem menção a um determinado tempo (trama) e lugar (cenário), onde o professor é autor, narrador e protagonista principal. São histórias humanas que atribuem sentido, importância e propósito às práticas e resultam da interpretação de quem está falando ou escrevendo. Essas interpretações e significações estão estreitamente ligadas as suas experiências passadas, atuais e futuras.

Além disso, a narrativa como tentamos mostrar neste trabalho representa um recurso importante e estratégico na produção de sentido à experiência humana e, de modo específico à experiência docente. Possibilita um processo de reflexão e de (re)elaboração e legitimação das experiências vivenciadas por cada um dos futuro professores. Ao mesmo tempo, entendemos que as narrativas apresentam possibilidade de interpretação que aqui, talvez, não tenham sido exploradas, mas, como nos diz Bruner (2001, p. 132): “nenhuma história possui uma única interpretação exclusiva. Seus supostos significados são, a princípio, múltiplos”. Ao interpretar as narrativas dos futuros professores, procuramos oportunizar reflexões sobre como os nossos futuros professores atribuem sentidos ao espaço da escola, da sala de aula, e de seus atores, alunos e professores. Foi possível notar que há diferentes posturas e sentimentos quanto às experiências vivenciadas junto aos diferentes professores. Podemos verificar alguns sentidos atribuídos pelos futuros professores aos problemas enfrentados pela escola. Ainda, as narrativas aqui se configuram como um mecanismo capaz de dar vida às vozes dos futuros professores, de “desabafo”, do que sente e do que eviden-

cia, mas que não pode ser externalizado em um primeiro momento. Desse modo, avalia-se como sendo positivo o fato de a narrativa mostrar-se como um bom método de tornar públicas as vozes dos professores.

## REFERÊNCIAS

- BOLZAN, D. P. V. *A Formação de Professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos*. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- BRUNER, J. *A cultura da Educação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CARTER, K. The place of story in the study of teaching and teacher education. *Educational Researcher*, Washington, v. 22, n. 1, p. 5-12, 1993.
- CLANDININ, J. D. Teacher education as narrative inquiry. In: CLANDININ, J. D. et al. (Ed.). *Learning to teach, teaching to learn: stories of collaboration in teacher education*. Londres; Nova Iorque: Teachers College; Columbia University Press, 1993.
- CLANDININ, J.; CONNELLY, M. *Narrative inquiry: experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: J. LARROSA, (Ed.) *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995. p. 15-59.
- DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do individuo - projeto*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- FREITAS, D.; GALVÃO, C. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. *Ciências & Cognição*, v. 12, p. 219-233, 2007.
- GALVÃO, C. Narrativas em Educação. *Ciência e Educação*, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.
- LARROSA, J. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- LOPES, L. S.; LIMA, M. G. S. B. *Método autobiográfico, histórias de vida e reflexividade na formação de professores: narrativas de professores aposentados*, 2009. Disponível em: <[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/15\\_Lourival%20da%20Silva%20Lopes%20e%20Maria%20da%20Gl%20C3%B3ria%20Soares%20Barbosa%20Lim.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.2/15_Lourival%20da%20Silva%20Lopes%20e%20Maria%20da%20Gl%20C3%B3ria%20Soares%20Barbosa%20Lim.pdf)>. Acesso em: 1 de maio de 2012.
- MARQUESIN, D. F. B.; NACARATO, A. M. Narrar a experiência e (trans)formar-se: o caso de uma professora diante do desafio de aprender a ensinar geometria. *Interações*, n. 18, p. 54-75, 2011.
- NACARATO, A. M. Narrar a experiência docente... em processo de (auto)formação. In: GRANDO, R. C.; TORICELLI, L.; NACARATO, A. M. (Org.). *De professora para professora: conversas sobre iniciação matemática*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008. p. 143- 159.

SOLIGO, R.; PRADO, G. V. T. Leitura e escrita: dois capítulos desta história de ser educador. In: PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. (Org.). *Porque escrever é fazer História*. Campinas/SP: Graf. FE, 2005. p. 23-46.

SOUZA, E. C. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. B. (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: Edipucrs, 2006. p. 135-147.